DEGUSTAÇÃO

RECONCILIAÇÃO

ANDREI MOREIRA

CONSIGO MESMO
COM A FAMÍLIA
COM DEUS

SUMÁRIO

PREFÁCIO • Grazielle Serpa – 14 –

APRESENTAÇÃO • Um curativo para a alma – 17 –

INTRODUÇÃO • O filho pródigo: *o arquétipo da desconexão e da reconexão com o Criador* – 20 –

I PARTE • A desconexão

"Dá-me a parte dos bens que me pertence (...) e desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente".

Lucas, 15:12-13

– 36 –

1 • O conceito do homem na visão espírita: *visão panorâmica do processo evolutivo* – 39 –

O bem e o mal – 42 –

2 • A doença original humana na visão espírita: *a desconexão criatura-Criador* – 56 –

3 • *Psora* primária: *a doença original segundo a homeopatia - origem e manifestações – visões hahnemaniana, kentiana e elizadiana* – 63 –

II PARTE • Os sintomas da desconexão criatura-Criador

"Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho".

Lucas, 15:18-19

– 86 –

4 • Posturas defensivas perante o sofrimento essencial *– 89 –*

5 • Sintomas da queda ou da desconexão com o Criador *– 98 –*

6 • Transtorno de pânico e fobias: *sintomas da insuficiência* *– 118 –*

7 • Depressão: *um chamado da alma para a reconexão* *– 144 –*

III PARTE • A reconexão criatura-Criador

"Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés (...) Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se".

Lucas, 15:22-24

– 158 –

8 • Autoamor: ***reconciliação com o divino em si*** *– 161 –*

9 • Reconciliação com o próximo: caminho para a paz *– 191 –*

10 • Honrai vosso pai e vossa mãe: ***caminho de encontro com Deus*** *– 216 –*

11 • Humildade: ***conexão com o real*** *– 263 –*

12 • O verdadeiro templo, o coração, e a verdadeira adoração – em espírito e verdade *– 272 –*

13 • A caridade: ***amor em ação, medicamento universal*** *– 281 –*

14 • **CONCLUSÃO** • A cura real: ***"Eu e o Pai somos um"*** *– 296 –*

APRESENTAÇÃO
UM CURATIVO PARA A ALMA

Esta obra nasce de um esforço humilde de lançar um olhar para a doença original do homem, a desconexão criatura-Criador, e para a medicação, o amor proposto pelo Evangelho, a serviço da reconquista da saúde maior: a reconciliação com a fonte.

Nela é apresentada uma proposta singela de integração da filosofia homeopática de Samuel Hahnemann, James Tyler Kent e Mazi Elizalde aos conceitos do Evangelho e do Espiritismo de Allan Kardec, Emmanuel, André Luis, Bezerra de Menezes, Joseph Gleber, Joanna de Ângelis, Carlos e Dias da Cruz, e à constelação familiar de Bert Hellinger. O fio condutor dessa união foi a constatação de que todas elas, em áreas do saber distinto – Medicina, Filosofia, Psicologia e religião –, e com a sua linguagem particular, falam da mesma realidade da desconexão com a fonte e com o Criador, descrevendo seus sintomas, seus efeitos e propondo um movimento de reconexão ao coração, ao essencial, no nível da alma.

Quando um conhecimento vem de distintas fontes, na mesma direção, ele nos permite ter um entendimento mais amplo das verdades da vida.

Percorremos, nestas páginas, uma interpretação do arquétipo do filho pródigo em seu movimento de

apartamento da casa do pai, esbanjamento de sua herança, miséria moral e espiritual e o consequente movimento de arrependimento, coragem e ação, no retorno à casa paterna, aos braços do Pai.

Com isso, pretendemos olhar para o que atua em nossas almas e em nossas vidas, a serviço da reconciliação com nós mesmos, com o próximo, com a família – e muito particularmente com nossos pais – e, consequentemente, com o próprio Deus.

O Evangelho afirma com propriedade: "Vós sois deuses", afirmando a natureza luminosa da criatura que nos compete reconhecer e despertar. Jesus, o arquétipo da integração criatura-Criador, permanece como o grande referencial e modelo o qual procuramos seguir não como quem adora uma personalidade, mas como aquele a quem amamos, buscando servi-lo.

Se sentes em sua alma o desejo de paz e aconchego, se buscas um espaço de paz e silêncio em teu dia e lê essas reflexões com o coração, mais que com o intelecto, deixa que elas te levem a um espaço sagrado, dentro de ti, onde "arde o fogo da vida que aquece e nutre"[2], a fim de te abasteceres do essencial, e medita em que ponto do caminho você se encontra. Todos nos irmanamos na

• 2 • Expressão do médico espiritual Dias da Cruz, psicografia de Andrei Moreira, referindo-se à essência luminosa do ser humano, o self, no livro *Autoamor e outras potências da alma* (Ame Editora).

rebeldia, na humanidade e no desejo de aconchego e paz. Não somos ainda o que gostaríamos, nas conquistas do espírito, mas também não mais toleramos os efeitos do distanciamento da fonte sagrada da vida.

Aqui, oferecemos a você um curativo para a alma enquanto analisas a falta e a insuficiência, efeito do distanciamento da essência, ou enquanto buscas percorrer o caminho de retorno à casa do Pai, no enfrentamento corajoso de seu destino, a fim de que fortaleças em ti a esperança e o otimismo na direção do alvo.

O que nos move e encanta é a certeza do amor incondicional de Deus que, sem julgamento, crítica ou repreensão, nos ama desde o princípio, conduzindo-nos ao Seu seio com o desvelo de um pai carinhoso que aguarda seu filho para a festa da plenitude na comunhão e na partilha.

Sentindo, pois, esse Deus de infinito amor, medita nas exclusões que te separam de ti mesmo e da vida, abrindo um espaço de inclusão e amor livre em seu coração que te levem ao êxito e à paz.

INTRODUÇÃO

O FILHO PRÓDIGO: *o arquétipo da desconexão e da reconexão com o Criador*

"E disse: Um certo homem tinha dois filhos e o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei

depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés; e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos; porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se. E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou, e não queria entrar. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas; mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se." (Lucas, 15:11-32).

O filho pródigo é uma das mais belas metáforas e símbolo arquetípico ofertados por Jesus no Evangelho. Nessa parábola está representado, de forma simples, um movimento muito profundo de desconexão da criatura com o Criador – a grande doença – e o retorno à integração com o Pai – a cura.

Tudo se inicia na rebeldia, que se manifesta na exigência. O filho, certamente cansado de viver sob cuidados do pai, exige a parte que lhe cabe na herança a fim de usufruir da vida. Há, desde aí, a consciência do filho de que sem o pai ele não é nada, pois em vez de sair de casa para conquistar o que deseja e construir a sua vida, ele requisita parte do que considera o seu direito diante das propriedades e posses de seu genitor. No entanto, essa consciência está adoecida e ele deseja excluir o pai de sua vida.

Joanna de Ângelis, comentando essa passagem, considera:

> "Na parábola de Jesus, o ego do jovem filho é perverso e ingrato. Ao solicitar a herança que diz pertencer-lhe, inconscientemente deseja a morte do pai, que seria o fenômeno legal para conseguir a posse dos bens sem qualquer problema. Mascara o conflito sob a justificativa inapropriada de querer desfrutar a juventude,

em considerando que mesmo na idade provecta, o genitor não morria."[3]

O filho dessa história – assim como tantos na vida – confundiu herança com direito. É certo que os estatutos legais do mundo defendem o direito dos filhos legítimos ou assumidos seguirem na posse daquilo que os pais conquistaram. No entanto, no plano da alma, herança não é direito, é presente. É algo que os pais dão ao filho se e como desejarem, na sequência dos cuidados e da atenção que dispensaram desde o berço. Quando o filho recebe a herança como presente, a recebe com respeito e reverência, e não se permite abusar do que lhe foi dado. Por outro lado, aquele que exige se crê superior e no direito de usar aquilo que outros conquistaram.

Do mesmo modo, no plano do espírito cada ser herda do Pai os gérmens de virtude e força para a vida, que o levarão fatalmente ao desenvolvimento pleno das potências da alma, no tempo. Mergulhando periodicamente na encarnação, vive o choque das diferenças e o estímulo das conquistas de acordo com cada época, cultura e sociedade. Em todo tempo recebe uma imensidão de recursos do Criador como divinas concessões, tais como posses, inteligência, oportunidades, afetos, instruções. E, então, no uso e usufruto do livre-arbítrio, tem a opção

•3• Divaldo Franco e Joanna de Ângelis, *Em busca da verdade*, p. 33.

de honrar para o bem e para a coletividade tudo que foi ofertado, promovendo o progresso em si e ao seu redor, ou desonrar as divinas oportunidades, no abuso egoísta e egocêntrico que o distancia do progresso.

Aquele filho, iludido pela imaturidade ou pela rebeldia, "desperdiçou todos os bens, vivendo dissolutamente". Semeou livremente e colheu naturalmente o que plantou, brotou e produziu, conforme a semente. E por desperdiçar os recursos, viu-se só e pobre, sem condições de sustentar a si mesmo e de manter-se íntegro na vida. Foi, então, apascentar porcos e comer de sua comida.

Assim comenta Joanna de Ângelis sobre a saída do filho de casa:

> "Logo depois, viajando para um *país longínquo* procura arrancar as raízes existenciais, as marcas, destruir a origem desagradável, permanecendo na ignorância de si mesmo, fugindo para o *Eden* onde parecia feliz. (...) Deixando-se exaurir pelas ambições e prazeres, o leviano é surpreendido, posteriormente, pela solidão – a miséria econômica, a fuga dos comparsas que o exploraram, portanto, os excessos que agora o deixam desgastado – logo associada à culpa que o exproba, impondo-lhe reflexão, portanto, o retorno à segurança do lar que abandonou."[4]

[4] *Ibidem*.

Eis a representação da desconexão criatura-Criador e seus efeitos. Quando o espírito, em sua rebeldia, aparta-se do cuidado do Pai, pela não aceitação de sua paternidade, desejando bastar-se a si mesmo, desconecta-se da fonte de abundância e infinitude que é o próprio Deus e vive a miséria decorrente do egocentrismo. Desconectado, tem que bastar a si mesmo e se fecha no egoísmo que o isola da sociedade e da família. E encontra a falência pessoal.

No entanto, a lei divina é ordenada e ordenadora, produz a ordem e conduz (ou reconduz) à ordem, em qualquer circunstância. Quando o espírito se aparta do Pai e tenta burlar a lei, ele vive, naturalmente, o efeito da falta, da ausência do alimento afetivo e espiritual que lhe nutre o coração, a mente e a inspiração, encontrando a miséria moral e espiritual.

Os porcos representam o elemento animal, instintual, presente no homem em sua parte sombria. Quando o espírito se fecha às captações de natureza superior daqueles que representam Deus para si – os espíritos guias e familiares –, ele passa a ativar sua natureza animal e a viver dela, com grande limitação e insatisfação. Mas, esse estado não é autossustentável na economia espiritual. Chega sempre um instante de saturação para o espírito que cansa da rebeldia e dos esforços inúteis de bastar-se a si mesmo, desconectado da fonte suprema. Então, ele se lembra do Pai.

Infelizmente, parece ser muito comum que esse instante seja mediado pelas bênçãos da dor expiacional, construída pelo ser como consequência natural de sua desconexão com a lei. Quando o filho se encontra no fundo do poço, na escravidão de sua animalidade e seus efeitos, lembra-se do Pai e dói, em seu coração, estar apartado. A dor lentamente sensibiliza, transforma, modifica, qual o buril redentor que visita a pedra, lapidando-a e dando o toque, extraindo de sua brutalidade a perfeição da forma e da expressão quando o homem se abre para permitir que o sofrimento cumpra seu papel educativo, sem a revolta e o queixume ineficazes que só o fazem recomeçar a obra de burilamento pessoal em condições ainda mais difíceis.

Então, inicia-se o regresso. Não basta a dor para aproximar o homem de Deus. Ela não é propósito, é instrumento. Não é finalidade, é recurso pedagógico. Só o amor tem poder verdadeiramente transformador e reparativo.

Ao se lembrar da casa do Pai, lembra do Seu amor. Recorda a dignidade dos assalariados, os que trabalhavam em jornadas, e da abundância em que viviam enquanto cumpriam seus deveres. Então, ele se arrepende.

O arrependimento é o primeiro passo para o início da jornada de regresso, momento em que o ser acolhe em si a responsabilidade pela vida e percebe que construiu a realidade infeliz que recolhe dela, e que de si depende,

igualmente, refazer o caminho de retorno à casa do Pai. Estabelece-se, então, o movimento religioso na alma, de religação. Ele ainda se encontra apartado, no entanto, já vislumbra a necessidade e o movimento necessários para sair da miséria moral e espiritual e retornar à abundância e à alegria de viver.

Então, ele se levanta e recobra a dignidade da postura ereta na vida, a conduta reta que o levará de volta ao Pai. Vislumbra a estrada por onde desceu, desgastando a herança exigida, e percebe o lixo deixado ao longo do caminho. Vê ao alto a casa paterna e o Pai que lhe olha com dignidade e respeito, e isso o move, enchendo-o de força. Mas, é imperativo que suba o caminho anteriormente desrespeitado, dignificando-o. Caminha, agora, recolhendo o lixo deixado no solo, registro de sua imprevidência e rebeldia, e assume as consequências de seus atos e decisões. O olhar, no entanto, está no Pai, na promessa, no porvir de abundância.

No látego das provas rudes, ouve a voz do divino Mestre consolando-lhe o coração: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados". Com isso, reúne forças para seguir no rumo do alvo, ao encontro do amor.

É interessante observar que essa postura digna do filho representa o movimento de saúde se estabelecendo na alma. Ele abandona a exigência para seguir na responsabilização pelos seus atos.

Comenta Emmanuel:

"Quando o filho pródigo deliberou tornar aos braços paternos, resolveu intimamente levantar-se. Sair da cova escura da ociosidade para o campo da ação regeneradora. Erguer-se do chão frio da inércia para o calor do movimento reconstrutivo. Elevar-se do vale da indecisão para a montanha do serviço edificante. Fugir à treva e penetrar a luz. Ausentar-se da posição negativa e absorver-se na reestruturação dos próprios ideais. Levantou-se e partiu no rumo do lar paterno. Quantos de nós, porém, filhos pródigos da vida, depois de estragarmos as mais valiosas oportunidades, clamamos pela assistência do Senhor, de acordo com os nossos desejos menos dignos, para que sejamos satisfeitos? Quantos de nós descemos, voluntariamente, ao abismo, e, lá dentro, atolados na sombria corrente de nossas paixões, exigimos que o Todo-Misericordioso se faça presente, ao nosso lado, por intermédio de seus divinos mensageiros, a fim de que os nossos caprichos sejam atendidos? Se é verdade, no entanto, que nos achamos empenhados em nosso soerguimento, coloquemo-nos de pé e retiremo-nos da retaguarda que desejamos abandonar. Aperfeiçoamento pede esforço. Panorama dos cimos pede ascensão. Se aspiramos ao clima da Vida superior, adiantemo-nos para a frente, caminhando com os padrões de Jesus. "Levantar-me-ei" – disse o moço da parábola. "Levantemo-nos" – repitamos nós."[5]

· 5 · Francisco Cândido Xavier e Espírito Emmanuel, *Fonte viva*, cap. 13.

Quando o filho dá os passos iniciais necessários, ainda longe do destino, a misericórdia divina o visita e a compaixão traça um roteiro de bênçãos que não o exonera da responsabilidade de seus atos, mas que alimenta sua alma de força e vigor para a caminhada. O pai corre ao seu encontro. As bênçãos do alto visitam a criatura, sustentando-a no propósito curativo, o movimento de retorno à comunhão com o Pai.

Do Pai, só misericórdia e compaixão. Nenhuma crítica, julgamento moral ou punição. Somente um amor abundante que ultrapassa os limites da compreensão humana, habituada a projetar em Deus as suas características humanas falíveis e imperfeitas.

Ensinam os espíritos codificadores:

> "*Chegados ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros?* Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e a todos ama com o mesmo coração. Aqueles são chamados maus, porque sucumbiram. Antes, não eram mais que simples Espíritos."[6]

O amor do Pai pelas suas criaturas é incondicional. Ensina-nos o benfeitor espiritual Dias da Cruz que:

• 6 • Allan Kardec, *O livro dos Espíritos*, questão 126.

"Quando Deus olha para a criatura não vê uma obra imperfeita, mas uma obra perfeita em execução. E sabe que obra Sua não falha. Então, ele ama no broto imaturo o fruto maduro do amanhã. E ama cada fase e cada etapa de seu desenvolvimento, sem nenhuma exigência."[7]

Ensina-nos Emmanuel:

"Fixa-te no ensinamento do Cristo, enunciando o retorno do filho pródigo. O reencontro não se deu em casa, com remoques e humilhações para o moço em desvalimento. Assinalando-o, no caminho de volta 'e, quando ainda estava longe, o pai, ao vê-lo, moveu-se de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou'. O pai não esperou que o filho se penitenciasse de rojo, não exigiu escusas, não solicitou justificativas e nem impôs condições de qualquer natureza para estender-lhe os braços; apenas aguardou que o filho se levantasse e lhe desejasse o calor do coração."[8]

E o filho, regenerado e redimido, se atira, então, nos braços do pai, envergonhado e feliz por estar de volta. É dia de festa porque "aquele que estava morto reviveu e o que estava perdido se encontrou".

• 7 • Andrei Moreira e Espírito Dias da Cruz, *Pílulas de confiança*, p.101.

• 8 • Francisco Cândido Xavier e Espírito Emmanuel, *Revista Reformador,* jul. 1961, p. 148.

Essa é a destinação de todo ser humano. Cada ser pode eleger o roteiro, mas não pode escolher o destino, que já está pré-fixado pelo Criador: a integração plena no Seu amor.

A rebeldia é experiência passageira que ainda que permaneça ativa por muitas encarnações, cede sempre espaço para a humildade e a obediência à medida que o espírito se dá conta de que entregar-se a Deus não é limitar-se nem negar-se, mas expandir-se e ampliar-se, infinitamente.

É importante destacar que, após o retorno do filho apartado, a parábola nos revela outra realidade de rebeldia e desconexão: o filho avarento que se queixa e reclama para si os direitos exclusivos de usufruto das bênçãos e da herança do pai.

Comenta Emmanuel:

> "O ensinamento velado do Mestre demonstra dois extremos da ingratidão filial. Um reside no esbanjamento; o outro, na avareza. São as duas extremidades que fecham o círculo da incompreensão humana."[9]

Muitos religiosos formalistas do mundo permanecem como o filho avarento, requisitando para si e para os seus a posse da verdade e da compreensão integral da lei, a promessa e a herança futura. Apregoam a fraternidade e semeiam a discórdia; afirmam a paternidade divina, mas negam a irmandade universal, separando homens

· 9 · Francisco Cândido Xavier e Espírito Emmanuel, *Pão nosso*, cap. 157.

e mulheres por raça, credo, cor, etnias, características sexuais e opiniões políticas.

Prossegue o benfeitor Emmanuel:

> "Observando a generosidade paterna, os sentimentos inferiores que o animam sobem à tona e ei-lo na demonstração de sovinice. Contraria-o a vibração de amor reinante no ambiente doméstico; alega, como autêntico preguiçoso, os anos de serviço em família; invoca, na posição de crente vaidoso, a suposta observância da Lei divina e desrespeita o genitor, incapaz de partilhar-lhe o justo contentamento. Esse tipo de homem egoísta é muito vulgar nos quadros da vida. Ante o bem-estar e a alegria dos outros, revolta-se e sofre, por meio da secura que o aniquila e do ciúme que o envenena. Lendo a parábola com atenção, ignoramos qual dos filhos é o mais infortunado, se o pródigo, se o egoísta, mas atrevemo-nos a crer na imensa infelicidade do segundo, porque o primeiro já possuía a bênção do remorso em seu favor."[10]

O Deus apresentado pelo Espiritismo, na revivescência do cristianismo, é um Deus apolítico, atemporal, sem personalismos e sem interesses, que ama incondicionalmente a todas as criaturas, respeitando-lhes os estágios evolutivos nesse ou naquele setor religioso ou social, pois sabe que todos, sendo divinos, gravitam para a mesma finalidade: a integração no Seu amor no tempo.

• 10 • *Ibidem.*

O Evangelho de Jesus representa o enunciado lúcido e sábio das leis naturais que fazem o espírito entrar na posse da abundância e da riqueza universal. Trata-se de um código religioso que remete o homem ao encontro de Deus em si, na religião da adoração real, em espírito e verdade.

O Cristo, representante de Deus para o homem da Terra, trouxe ao mundo a expressão da sua realidade luminosa imortal, afirmando que o homem é "luz do mundo", "sal da Terra", não porque tenha luz própria, mas porque é parte da luz maior. Ele é nascido de um sopro do amor de Deus e traz em si a potência de Sua presença, destinado a brilhar a luz do amor singular do Pai em si, que o realiza e plenifica, honrando a fonte de todo amor, toda bondade e toda justiça.

O PODER ESTÁ EM DEUS

Afastado do Criador, a criatura é solidão; nEle é solidariedade.

Apartada, é negação e abandono; nEle é comunhão e plenitude.

Distanciado da Fonte, o espírito mergulha no egoísmo; nEla mergulhado, vibra na caridade.

Longe do Pai, o nada; nEle, a força do todo, em tudo.

Desconectado da fé, o espírito vive a insegurança, o medo e a falta. Sustentado na fé, vive a amplidão e o encantamento das infinitas possibilidades.

Conectado a Deus, desaparecem o vazio, a falta e o desamparo.

No Pai tudo é síntese, força e sabedoria que conduz a espaços de inspiração, enlevo e ternura.

Abre, pois, teu coração, para o acesso ao essencial, reconhecendo que o poder está em Deus. Sintonizado com Ele, deixa fluir a intuição sábia que conduzir-te-á ao cumprimento dos deveres com dedicação às soluções criativas e inesperadas que te serão inspiradas ao despertar da Fonte, que é vida em ti.

No entanto, lembra-te que Deus em ti é força renovadora que se expressa por atos genuínos de amor e paz. A adoração ao Pai acima de todas as coisas transcende os cultos ritualísticos, a forma simbólica e estereotipada, configurando-se em uma comunhão plena de espontaneidade, de sentido e de significado, de espiritualidade e de fé.

NEle a fonte; em ti a realização.

NEle a sabedoria; em ti a execução.

NEle a ordenança; em ti a obediência.

NEle a vontade; em ti a fidelidade.

Em Deus sois tudo; apartado dEle, nada."[11]

• 11 • Andrei Moreira e Espírito Dias da Cruz, *Pílulas de confiança*, p. 60.

PARTE I

A DESCONEXÃO

Dá-me a parte dos bens que me pertence (...) e desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente.”

Lucas, 15:12-13

1

O CONCEITO DO HOMEM NA VISÃO ESPÍRITA: VISÃO PANORÂMICA DO PROCESSO EVOLUTIVO

"Gravitar para a unidade divina, eis o fim da Humanidade."

Paulo de Tarso[12]

O ser humano é um ser divino em sua origem, propósito e destinação.

Nasce de um sopro de amor do Criador, como um projeto definido que, pouco a pouco, revela-se no tempo. Esse projeto é o da cocriação, que se executa paulatinamente à medida que o princípio inteligente, o espírito, identifica-se com a inteligência suprema, no despertar de suas potencialidades anímicas que traduzem a marca do Pai em si.

Cada ser executa um trajeto particular de vida, sendo-lhe facultado eleger caminhos, mas não o destino. O destino maior já está traçado desde sempre: a integração no amor fecundo e infinito do Pai. Qual um rio, cada ser nasce pequenino das fontes profundas do Criador e constrói seus meandros particulares no trajeto evolutivo. No entanto, chega sempre ao mar do amor divino, mais dia, menos dia.

• 12 • Allan Kardec, *O livro dos Espíritos*, questão 1009.

Como criação, traz em si a herança da fonte que lhe deu origem em forma totipotente, qual semente que abriga em seu seio a natureza da fonte que lhe deu origem, capaz de conduzi-la a ser fonte também. Nasce em Deus e evolui para a síntese, em Deus[13]. Afirma Paulo de Tarso: "nEle vivemos, e nos movemos, e existimos..." (Atos, 17:28). Cabe ao espírito, no entanto, o desenvolvimento do intelecto, na aquisição de elementos que o conduzam à compreensão das leis divinas e ao despertar dos sentimentos nobres, na apreensão vivificada da lei maior, desenvolvendo em si os gérmens de virtudes ou potencialidades das quais o Pai lhe dotou.

Ensina Emmanuel que:

> "O homem deve viver a sua existência, no mundo, sabendo que pertence ao Céu, por sua sagrada origem, sendo indispensável, desse modo, que se desmaterialize, a todos os instantes, para que se desenvolva em amor e sabedoria, na sagrada exteriorização da virtude celeste, cujos gérmens lhe dormitam no coração."[14]

• 13 • O Espírito Dias da Cruz sintetiza esse processo afirmando que o espírito "naturalmente caminha da contração [em Deus] para a expansão [em Deus] no desenvolvimento da inconsciência para a plenitude". *Autoamor e outras potências da alma*, p. 240 (psicografia de Andrei Moreira, Ame Editora).

• 14 • Francisco Cândido Xavier e Espírito Emmanuel, *O consolador*, pergunta 310.

Esse caminho de despertar multimilenar do ser através das encarnações sucessivas conduz o homem, por meio de exercícios de tentativa e erro, em recomeços contínuos, à aquisição do sentimento de valor, pertencimento e poder real, o do afeto[15]. Ele semeia livremente e colhe responsavelmente, sempre mergulhado no amor infinito do Criador.

A sua destinação é o amor: o culto harmonioso do belo e do bem. No entanto, qual criança conduzida pela tutela de um adulto maduro, o espírito segue sua trajetória amadurecendo suas percepções de si mesmo e da vida, consoante a realidade que lhe é possível a cada passo, ou seja, de acordo com sua capacidade de percepção e apreensão, acrescida de sua vontade e esforço para dilatá-las.

O bem, sendo lei do universo, é convite contínuo. Naturalmente, em sua percepção infantil, nega-o inúmeras vezes, sofrendo o efeito dessa negação até que reconheça a ordem que vige no universo e que constitui a expressão do Pai em cada parte.

· 15 · Allan Kardec, *A gênese*, cap. III, item 10: "O Espírito tem por destino a vida espiritual, porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, somente as exigências materiais lhe cumpre satisfazer e, para tal, o exercício das paixões constitui uma necessidade para o efeito da conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Mas, uma vez saído desse período, outras necessidades se lhe apresentam, a princípio semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito exerce domínio sobre a matéria, sacode-lhe o jugo, avança pela senda providencial que se lhe acha traçada e se aproxima do seu destino final".

O BEM E O MAL

O mal se apresenta como a negação do bem e como sua ausência. Não tem existência real[16]. No entanto, como movimento e expressão de alienação, pode ser a momentânea eleição do espírito imaturo em caminho de aprendizado e descoberta de sua real natureza. Envolvido na ilusão que a matéria lhe apresenta e na força da cultura, que representa estágios de percepção da realidade de uma determinada coletividade, com suas conquistas e desafios, o espírito vive a experiência sempre contínua da busca de sentido e de significado para sua existência.

Como criatura, traz em si a consciência da realidade de Deus como fonte suprema, causa primária de todas as coisas. Não pode negá-Lo no mais profundo, pois sabe-se nascida de Seu amor e de Sua vontade, como expressão dEle mesmo. Contudo, envolvida na ilusão do conhecimento relativo, pode

• 16 • *Ibidem*, item 8: "Pode dizer-se que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, também o mal não é atributo distinto; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal já é um princípio do bem. Deus somente quer o bem; só do homem procede o mal. Se na criação houvesse um ser preposto ao mal, ninguém o poderia evitar; mas, tendo o homem a causa do mal em SI MESMO, tendo simultaneamente o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitá-lo-á sempre que o queira".

opor-Lhe resistência, negando Sua realidade ou Suas leis[17]. Na maior parte das vezes, a criatura renega os conceitos de Deus apresentados pela religiosidade de sua época e cultura, sobretudo quando essa religiosidade se apresenta dogmática e impositiva, em culto ao poder e ao controle social em vez de conduzir o homem à fonte, como deveria.

Ensina Emmanuel que:

> "O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita na harmonia divina. Eis o mal. Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime. Eis o resgate. Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na sabedoria e na providência divinas. O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados como incursos em vastas experiências."[18]

• 17 • Allan Kardec, *O livro dos Espíritos*, questão 960: "*Donde se origina a crença, com que deparamos entre todos os povos, na existência de penas e recompensas porvindouras?* É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado. Porque, sabei-o bem, não é debalde que uma voz interior vos fala".

• 18 • Francisco Cândido Xavier e Espírito Emmanuel, *O consolador*, pergunta 135.

Quando machucada por si mesmo e por sua imprevidência, a criatura acusa a divindade de desamor e abandono, vivendo a negação, fato que estudaremos adiante. Dela provém a base para o desenvolvimento de movimentos regenerativos e corretivos, que visam trazer o ser para a consciência do amor e de sua destinação como filho de Deus.

O mal, enquanto movimento da alma, leva o espírito à culpabilidade, que é franca quando originada da consciência do mal, ou indireta quando efeito sem intenção e, em seus diversos graus, sempre representa um desvio do rumo traçado, como bem afirmou Paulo de Tarso:

> "Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus-Cristo."[19]

O mal, enquanto falso movimento, naturalmente produz efeitos e gera, por sua vez, um movimento de reequilíbrio do ser diante da lei divina, que é ordenada e ordenadora. Nela estão contidos os movimentos de estabelecimento e sustentação do universo na expressão do belo e do bem. Sempre que algum ato fere essa ordem, aciona o movimento de reordenação imediato, ainda que imperceptível. Complementa Paulo de Tarso: "Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma

• 19 • Allan Kardec, *O livro dos Espíritos* questão 1009.

certa soma de dores necessárias a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento."[20]

As dores necessárias são aquelas que conduzem o homem ao despertar da sensibilidade, da consciência de suas necessidades reais e de suas potencialidades. Não são expressão de um Deus caprichoso, cheio de emoções humanas, mas o efeito natural de movimentos de negação da ordem e dos princípios gerais aos quais todos devem obedecer e seguir, tão bem explanados nos evangelhos de Jesus[21]. As lições de vida ofertadas pelo Cristo e seus ensinos não são a expressão de uma religiosidade dogmática à qual o homem deve seguir. Representam a divina esperança e a destinação humana, pois são o enunciado das leis maiores do Pai, a representar guia e farol para a humanidade em trevas de negação e desconhecimento de sua realidade divina.

> "Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava."[22]

• 20 • *Ibidem*.

• 21 • *Ibidem*, questão 625: "*Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?* Vede Jesus".

• 22 • *Ibidem*, questão 625. Comentário de Allan Kardec.

Seguir os princípios morais apresentados pelo Evangelho conduz o homem à sua divina destinação. Conclui o apóstolo Paulo: "Gravitar para a unidade divina, eis o fim da Humanidade." Ensina Emmanuel: "Reconhecendo a nossa origem na Fonte de Todas as Perfeições, é natural que podemos e precisamos realizar em torno de nós as obras perfeitas a que estamos destinados por nossa própria natureza."[23]

• 23 • Francisco Cândido Xavier e Espírito Emmanuel, *O espírito da verdade*, cap. 44.